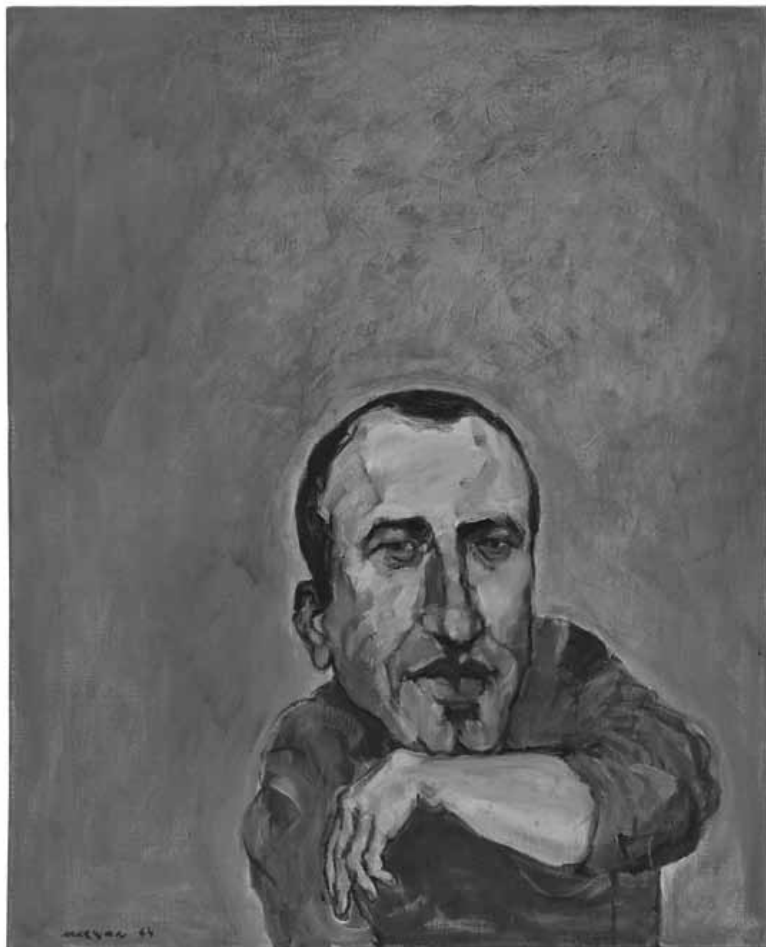


Português
English

25
SERRAVES
15

Marwan, Selbstbildnis 2 (Autorretrato 2 Self-portrait 2), 1964
Óleo sobre tela Oil on canvas, 100 x 81 cm. Coleção privada Private collection. Foto Photo: Jörg von Bruchhausen



EXPOSIÇÃO EXHIBITION

MARWAN

PRIMEIRAS OBRAS

EARLY WORKS 1962-1972

10 JUL - 12 OCT 2014

Mohamed Marouan Kassab-Bachi, conhecido simplesmente como Marwan, é internacionalmente considerado um dos artistas árabes contemporâneos mais significativos. Embora a reação à obra de Marwan tenha permanecido em grande medida restringida à Alemanha, onde o artista vive desde 1957, no mundo árabe ele é encarado como um dos seus artistas vivos mais importantes. Nos últimos anos, as suas pinturas começaram a atrair cada vez mais a atenção internacional, com os museus a reconhecerem a sua importância no seio de uma história mais vasta que vai além da arte moderna. Nascido em Damasco em 1934, deixou a Síria em 1957 e foi estudar pintura em Berlim, onde ainda vive e trabalha. Como estudante da Hochschule für Bildende Künste em Berlim, onde entre os seus contemporâneos se contavam Georg Baselitz e Eugen Schönebeck, Marwan adquiriu também experiência da pintura europeia em primeira mão.

As pinturas e as aquarelas produzidas entre 1962 e 1972 constituem um conjunto exemplar de obras pouco conhecidas que assinalam o começo de uma obra que abrange mais de cinquenta anos. O período ao longo do qual foram produzidas, entre os estudos de Marwan na Hochschule der Bildende Künste, em Berlim, e a sua viagem a Paris em 1973, revela um tempo de experiência generativa e reflexão artística que atravessa um período de mudança histórica tumultuosa, de uma Alemanha dividida na sequência da construção do Muro de Berlim em 1961 à guerra israelo-árabe de 1973. Criadas maioritariamente ao fim do dia e noite fora, depois de dias de trabalho na oficina de um peleiro, estas obras revelam uma experiência de pintura obstinadamente individual na qual introspeção e obsessões íntimas se encontram na expressão da inquietação e das frustrações partilhadas por uma

geração de artistas e intelectuais árabes à qual Marwan pertence.

Em Berlim, vive esta crise no mundo árabe numa relativa solidão. Com efeito, ao contrário de Paris ou Londres (e claro, fora da Europa, de Beirute) onde artistas, intelectuais e exilados do mundo árabe se encontram, Berlim não é para eles um centro de encontros e partilhas. Marwan segue os acontecimentos pela imprensa árabe que consegue encontrar em Berlim, pela passagem de alguns amigos e pelas relações epistolares ou telefónicas que manteve com os seus familiares na Síria. É também um ávido leitor de prosa e poesia e, mais tarde, nos anos 1990, irá ilustrar a maioria das capas dos livros de Abdelrahman Munif (1933-2004), grande escritor jordano-saudita e autor de *A l'est de la méditerranée* (1975) e das *Cités de sel* (1984-1989), que encontrou em 1956 e reencontrou no início dos anos 1990, quando Munif se instalou em Damasco.

É neste contexto que enceta em 1965 a série de pinturas e desenhos consagrada a duas figuras emblemáticas do mundo árabe, o poeta iraquiano Badr Shakir al-Sayyab (1926-1964) e o militante e ativista político sírio, Munif al-Razzaz (1919-1984) presentes na primeira sala da exposição [1]. Embora Marwan explique que se não trata de “retratos” não se pode deixar de constatar que os traços de ambos os homens são facilmente identificáveis e diretamente saídos das fotografias reproduzidas na imprensa árabe por ocasião da morte de Sayyab e das disputas de Razzaz com o partido Baas da Síria. Mas as figuras do poeta e do militante inscrevem-se em construções enigmáticas que subvertem a estrutura clássica do busto comemorativo (antecipado no caso de Razzaz que virá a morrer posteriormente, em 2004). Assim, nas pinturas, desenhos

e aquarelas que constituem a série, a cabeça (Sayyab) e o busto (Razzaz) encontram-se como que presos numa estrutura que evoca o cepo da guilhotina e o pé de uma cruz, e na contingência de ser esmagados sob uma massa de carne/vísceras/carniça (Sayyab), que toma também a forma de um sexo feminino (Razzaz). As figuras do poeta e do militante vivos (o tratamento dos rostos é realista) estão pois ameaçados por símbolos de morte e decapitação, mas, ironicamente, parecem também sobreviver ao cutelo e ao dilúvio de vísceras que sobre eles se abate. Nas pinturas e em vários desenhos, a figura de Razzaz apresenta-se também com a mão aberta sobre a orelha (gesto que dá conta de uma escuta atenta ou contrariada) que ocorre em vários autorretratos de Marwan.

A segunda sala [2] apresenta uma outra série, desenvolvida nos anos 1969-1970 que demonstra um complexo processo de subjetivação em que o questionamento de si é um eco subtil das formas da luta política e do combate dos Palestínianos que se organizam em finais dos anos 1960. A partir de uma fotografia de três jovens ativistas, vista e recortada de um jornal, Marwan criou um vasto conjunto de desenhos, aquarelas, pinturas e gravuras que retomam a imagem isolada ou em grupo, desses jovens. O mais das vezes, estas personagens aparecem (ou surgem) de frente e sobre um fundo vazio, sem características físicas ou vestimentas distintivas, para além das de uma extrema juventude. Outras silhuetas aparecem, o rosto velado – por um tecido ligeiro ou transparente que o cobre, e em que, realisticamente, não teria como se manter) – ou inteiramente oculto por um *keffiyeh*, o lenço de um xadrez em negro e branco que se tornou o símbolo da luta palestíniana nos anos 1970. Noutras telas e aquarelas o

rostro apresenta-se inteiramente coberto e como que apagado por uma espessa camada de pigmento claro ou, como em *Figur* [Figura], gravura de 1971, totalmente dissimulado/apagado por uma densa rede de finos sulcos. Estas figuras levam, como que indiferenciadamente, os títulos: *Figur*, *Junge* [Rapaz] ou *Fedayee*. Cada um daqueles jovens é também um *fedayin*, figura coletiva e anónima do combate e do sacrifício consentido.

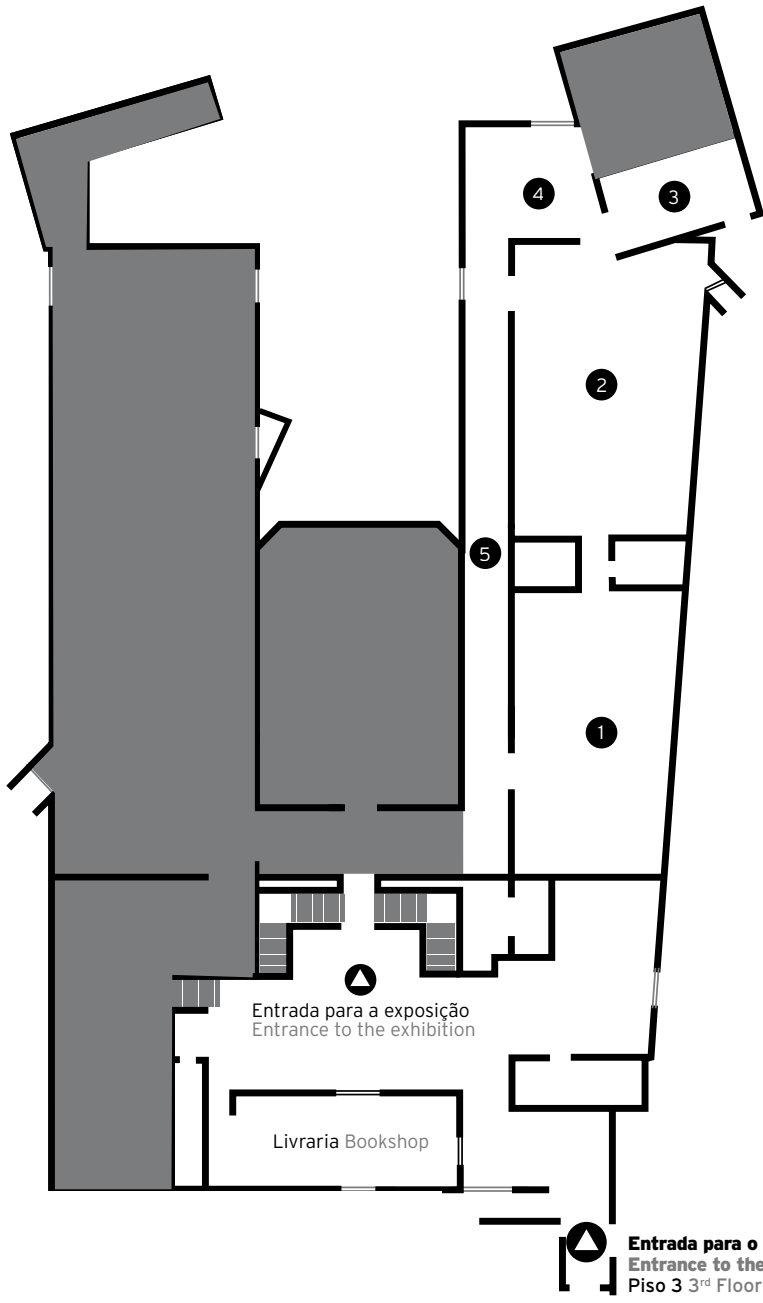
Não é indiferente que o motivo e a metáfora do véu (o *hijâb* que oculta e separa mas também símbolo e conceito místico da revelação), que enforma toda a obra de Marwan desde os anos 1980 e também presente na série *Im Bett* [Na cama] aqui apresentada na terceira sala [3], se tenham transplantado da face anónima do *fedayin* para as coloridas faces/superfícies reinventadas ao infinito das *Köpfe* [Cabeças] que nos remetem para a presença lírica e obstinada da pintura que podem ser vistas na última sala [4].

Dos seis anos passados (1957-1962) no ateliê de Hann Trier (1915-1999), Marwan conservará muito poucas das suas obras abstratas e tachistas, ciente de um impasse e dos limites impostos à expressão da sua subjetividade e da sua relação ansiosa com o mundo. Os numerosos esquisos, estudos e desenhos, realizados a partir de 1963, constituem com efeito um diário íntimo das emoções e questionamentos existenciais que inquietam o jovem artista. Fantasias, obsessões e fetichismos sexuais, cenas imaginadas a partir de experiências vividas (como a série de variações a partir da observação de um animal que puxa da rebentação uma carcaça putrefacta, órgãos e membros ironicamente reunidos ou dispersados, autorrepresentações deformadas, e por vezes cruéis), ocupam folhas e páginas de blocos agora apresentados no corredor do Museu [5].

Nestas séries, só raros desenhos e aguarelas – a lembrança de uma arquitetura das ruelas de Damasco, uma “mulher com pássaro” à janela, entrevista do seu ateliê, uma carcaça de carneiro suspensa ou arrastada por uma mulher – remetem para o mundo e para a vida fora desse teatro íntimo e para a representação de percepções, de estados (e mal-estares) psíquicos. Assim, nem episódio nem psicologia perturbam as representações de pares que se multiplicam por folhas e blocos ou se recortam sobre o vazio de fundos monocromáticos, antes uma coreografia desacordada de corpos e de gestos suspensos. Tanto quanto essas figuras imobilizadas num vazio sensível e colorido, o que atrai a atenção é a confusão dos géneros e dos traços femininos/masculinos nos rostos que aparecem, assim como máscaras intermutáveis colocadas sobre os corpos.

A complementar a exposição, apresenta-se no átrio do Museu alguns dos diários do artista (2001-2009) e que constituem um registo íntimo em que ao desenho e à pintura se junta o testemunho da devoção de Marwan à expressão literária. Também no foyer do Auditório é apresentada uma série de gravuras recentes, produzidas nos anos de 1997 e 1998 e intitulada 99, numa referência aos 99 nomes de Deus na religião islâmica.

A exposição é acompanhada por um catálogo bilingue (português/inglês), amplamente ilustrado com imagens de todas as obras em exposição. Inclui ensaios de Catherine David (curadora da exposição) e Rasha Salti (curadora independente e escritora, que vive em Beirute) sublinhando a especificidade do processo criativo de Marwan em relação à história e à estética das culturas árabe e ocidental que informam a sua obra.



Mohamed Marouan Kassab-Bachi, known simply as Marwan, is internationally recognized as one of the great contemporary Arab artists. While the reception of Marwan's oeuvre has remained largely confined to Germany, where he has lived since 1957, in the Arab world he is considered one of its most important living artists. In recent years, his paintings have begun to attract increasing international attention as museums acknowledge their importance within a broader history that goes beyond modern art. Born in Damascus in 1934, he left Syria in 1957 to study painting in Berlin, where he continues to live and work. As a student of the Hochschule für Bildende Künste in Berlin, where his contemporaries included Georg Baselitz and Eugen Schönebeck, Marwan also gained first-hand experience of European painting.

The paintings and watercolours produced between 1962 and 1972 form an exemplary body of little-known works that mark the beginnings of an oeuvre spanning more than fifty years. The period during which they were produced, between Marwan's studies at the Hochschule der Bildende Künste in Berlin and his travel to Paris in 1973, reveals a time of generative experiment and artistic reflection across a period of tumultuous historic change, from a divided Germany following the construction of the Berlin Wall in 1961, to the Arab-Israeli War of 1973, a political and moral disaster that lastingly marked his generation. Created for the most part at night while he worked during the day as a piece-worker in a furrier's atelier, these works bear witness to an obstinately individual experience with painting, where introspection and intimate obsessions are mixed with the expression of the concerns, hopes and frustrations shared by a generation of Arab artists and intellectuals to which he belongs.

In Berlin, he experienced the Arab crisis in relative solitude. Contrary to Paris or London (and, of course, outside Europe, Beirut), where artists, intellectuals and those exiled from the Arab world met up, Berlin was not a centre for meetings or exchanges for this community. Marwan followed the events in the Arab press that he could find in Berlin, the passage of a few friends and the contacts, by letters or telephone, he kept with his relatives in Syria. He was also an avid reader of literature and poetry, and later, in the 1990s, illustrated most of the book covers of Abdul Rahman Munif (1933-2004), the great Jordanian-Saudi writer, author of *East of the Mediterranean* (1975) and *Cities of Salt* (1984-1989) whom he met in 1956 and again at the beginning of the 1990s when Munif settled in Damascus. It is in that context that he undertook in 1965 the series of paintings and drawings focusing on two emblematic figures of the Arab world, the Iraqi poet Badr Shakir al-Sayyab (1926-1964) and the Syrian militant and political activist Munif al-Razzaz (1919-1984) that are shown in the first exhibition room [1].

Though Marwan made it clear they were not 'portraits', we have to admit the features of the two men are easily recognizable, and directly taken from the photographs reproduced in the Arab press at the time of Sayyab's death and Razzaz's troubles with the Syrian Ba'ath party. But the figures of the poet and the militant are represented in enigmatic constructions that subvert the classic structure of the commemorative bust (anticipated in the case of Razzaz who died subsequently, in 2004). Thus, in the paintings, drawings and watercolours forming the series, the head (Sayyab) and the bust (Razzaz) are in a way stuck in a structure that evokes the block of the guillotine and the foot of a cross, and are threatened with being crushed

under a mass of flesh/viscera/meat (Sayyab) that also takes the shape of a female sex (Razzaz). The figures of the living poet and the militant (the treatment of the faces is realistic) are therefore threatened by the signs of death and beheading, but also seem to ironically survive the blade and the deluge of viscera that come down on them. In the paintings and in several drawings, the figure of Razzaz also presents the same hand open on the ear (a gesture signalling an attentive or, to the contrary, hindered listening) that appears in several of Marwan's self-portraits.

The second room [2] presents a series of works developed in 1969-1970 that indicate a complex process of subjectification in which self-questioning subtly echoes the forms of political struggle and the Palestinian struggle that was being organized at the end of the 1960s. From a photograph of three young activists, seen and cut from a newspaper, Marwan produced a large ensemble of drawings, watercolours and prints taking up the figure, isolated or in groups, of the young men. Those figures appear (or suddenly appear) most often frontally on an empty background, with no distinct physical or clothing characteristics except those of an extreme youth. Other silhouettes appear with the face veiled – by a light or transparent material placed on the face on which it could realistically speaking, not possibly stay – or completely masked by a *keffiyeh*, the scarf with black and white checkered material that became the symbol of the Palestinian struggle in the 1970s. Those figures are equally given the titles: *Figur* [Figure], *Junge* [Boy] or *Fedayee*. Each of the young men is also a *fedayeen*, a collective and anonymous figure of the struggle and of accepted sacrifice.

It is not irrelevant that the motive and the metaphor of the veil (the *hijab* that hides, separates but is also a symbol and mystical concept of revelation) that is also related to the *Im Bett* [In Bed] series, shown in the third room [3], and which has been present in Marwan's oeuvre since the beginning of the 1980s, have moved from the anonymous face of the *fedayeen* to the coloured faces/surfaces infinitely reinvented of the *Kopf* [Head] and *Gesichtlandschaft* [Face Landscape] series that only echo the lyrical and continual presence of the painting and that can be seen in the last room [4].

From the six years (1957-1962) spent in the studio of Hann Trier (1915-1999) in the Hochschule, Marwan kept little of his abstract and action painting works, aware of the dead-end and limits imposed on the expression of his subjectivity and his anxious relations to the world. The numerous sketches, studies and drawings made from 1963 constitute indeed an intimate journal of the emotions and existential questions that beset the young artist. Fantasies, sexual obsessions and fetishism, scenes imagined from experiences (like the series of variations from the observation of an animal dragging a carcass from the water on the sea front, organs and members ironically assembled or scattered, self-representations deformed and sometimes cruel) occupy sheets and pages of the notebooks presented in the corridor [5].

In those series, only a few rare drawings and watercolours – the memory of an architecture of the alleyways in old Damascus, a 'woman with bird' at her window seen from his studio, a sheep carcass suspended or dragged by a woman – echo the world and the life outside that intimate theatre and the representation of mental perceptions and states (and malaises). Thus, no anecdote

or psychology affects the figures of the couples multiplied on the sheets of paper and in the notebooks or standing out on the emptiness of monochrome backgrounds, but rather a discordant choreography of bodies and suspended gestures. As much as those figures fixed in a sensitive and coloured emptiness, what holds the attention is the confusion of female/male genders and features in the faces which appear, because of that, like interchangeable masks placed on bodies.

Complementing the exhibition, the artist's diaries (2001-2009) displayed in the Museum hall feature chronicles of his daily life inscribed with a delicate paintbrush, sometimes in Indian ink and watercolour, and constitute an intimate record of Marwan's close relationship to literature. Also, in addition to the exhibition, the Auditorium foyer presents a suite of etchings produced between 1997 and 1998 entitled 99 in allusion to the 99 names of God in Islam.

The exhibition is accompanied by a fully illustrated bilingual catalogue (Portuguese/English), with essays by curator Catherine David and Rasha Salti (independent curator and writer based in Beirut) highlighting the specificity of Marwan's creative process in relation to history and the aesthetics of Arab and western culture that inform his work.

**PROGRAMA DE ATIVIDADES
RELACIONADAS COM A EXPOSIÇÃO
ACTIVITIES RELATED TO THE
EXHIBITION**

**VISITAS, CONVERSAS E SEMINÁRIOS
GUIDED TOURS, TALKS AND
SEMINARS**

11 JUL (SEX FRI), 19h00

GALERIAS DO MUSEU

MUSEUM GALLERIES

Encontro na exposição com Marwan e Catherine David (curadora da exposição)

Guided visit to the exhibition with Marwan and Catherine David (curator of the exhibition)

12 JUL (SAB SAT), 15h00

GALERIAS DO MUSEU

MUSEUM GALLERIES

Visita à exposição para Amigos de Serralves por Catherine David (curadora da exposição)

Guided tour for Members by Catherine David (curator of the exhibition)

**RETRATO PAISAGEM
PORTRAIT LANDSCAPE**

Oficina por Workshop by Raquel Correia & Sónia Borges

06 SET SEP (SAB SAT), 15h00-18h00

SALA MULTIUSOS

MULTIPURPOSE ROOM

O que é um retrato? O que é que vemos num retrato para além das feições?

Como podem a cor, a textura e o traço revelar mais do que aquilo que os olhos vêem? Partindo do trabalho de Marwan, vamos explorar o retrato-paisagem, brincando com o tamanho, a forma e a cor, deformando, transformando e alterando o rosto.

What is a portrait? What else do we see in a portrait aside from the features of a face? How can colour, texture and

line reveal more than what our eyes see? Based on Marwan's work, we will explore the portrait-landscape, playing with size, form and colour to deform, transform and alter the face.

**LEITURA DA PEÇA A AVENTURA DA
CABEÇA DO ESCRAVO JABER, DE
SAADALLAH WANNOUS**

READING OF THE PLAY *THE
ADVENTURE OF THE SLAVE JABIR'S
HEAD* BY SAADALLAH WANNOUS

25 SET SEP (QUI THU), 21h00

GALERIAS DO MUSEU

MUSEUM GALLERIES

Em parceria com o programa "Leituras no Mosteiro", Teatro Nacional de São João, Porto

In partnership with the programme 'Readings in the Monastery', Teatro Nacional de São João, Porto

A peça *Aventura da Cabeça do Escravo Jaber* (1969) do dramaturgo sírio Saadallah Wannous foi concebida para ser lida fora da sala de teatro com a participação do público. O que fará a leitura partilhada deste texto à experiência de ver as pinturas de Marwan? The play *The Adventure of the Slave Jabir's Head* (1969), by Syrian playwright Saadallah Wannous, was conceived to be read outside the theatre room and with the participation of the audience. What will be the impact of the shared reading of this text on the experiencing of Marwan's paintings?

4 & 5 OUT OCT (SAB SAT & DOM SUN),
10h00-13h00

SALA MULTIUSOS

MULTIPURPOSE ROOM

Seminário de dramaturgia orientado pelo encenador Rui Catalão sobre temas recorrentes na obra Marwan.

Dramaturgy seminar by stage director Rui Catalão on recurring themes in Marwan's oeuvre.

**VISITAS GUIADAS POR MONITORES
DO SERVIÇO EDUCATIVO
GUIDED TOURS BY THE SERRALVES
MUSEUM EDUCATION STAFF**

20 JUL (DOM SUN), 12h00-13h00
GALERIAS DO MUSEU
MUSEUM GALLERIES
Por By Sónia Borges

17 AGO AUG (DOM SUN), 12h00-13h00
GALERIAS DO MUSEU
MUSEUM GALLERIES
Por By Sónia Borges

14 SET SEP (DOM SUN), 12h00-13h00
GALERIAS DO MUSEU
MUSEUM GALLERIES
Por By Sónia Borges

12 OUT OCT (DOM SUN), 12h00-13h00
GALERIAS DO MUSEU
MUSEUM GALLERIES
Por By Raquel Correia

CINEMA

**OMAR AMIRALAY
THERE ARE SO MANY THINGS STILL
TO SAY (1997), 50'**
01 OUT OCT (QUA WED), 21h30
AUDITÓRIO
AUDITORIUM

Documentário baseado numa entrevista com o dramaturgo sírio Saadallah Wannous em que este apresenta as suas reflexões, sombrias e implacáveis sobre o conflito israelo-árabe, fonte de desilusão para a sua geração. Omar Amiralay foi um realizador sírio de cinema documental e um proeminente ativista e desempenhou um papel importante nos eventos de Damasco na Primavera Árabe de 2000. Documentary based on an interview with Syrian playwright Saadallah Wannous where he relates his sombre

and relentless reflections on the Arab-Israeli conflict, source of disillusion for his generation.

Omar Amiralay was a Syrian documentary film director and prominent activist. He played an important role in the events of the Damascus Spring of 2000.

**HALA AL-ABDALLAH
I AM THE ONE WHO BRINGS
FLOWERS TO HER GRAVE (2006), 105'**
02 OUT OCT (QUI THU), 21h30
AUDITÓRIO
AUDITORIUM

Exilada ao longo de 25 anos, a realizadora síria Hala Al-Abdallah reflete sobre a perda e a resiliência humana numa viagem exploratória à sua terra natal. Entre a resignação e a esperança silenciosa, este filme desvenda uma imagem da Síria e das pessoas que optaram por viver no exílio, pessoal e geográfico. Venceu o Prémio para melhor documentário no Festival Internacional de Cinema de Veneza em 2006.

Exiled for twenty five years, Syrian filmmaker Hala Al-Abdallah reflects on loss and human resilience in a personal exploration of her homeland of Syria. Between resignation and quiet hope, this film unravels an image of Syria and the people who have chosen to live in exile, both within and geographically. The film won the award for Best Documentary at the Venice International Film Festival in 2006.

TEATRO
THEATRE

RUI CATALÃO

AV. DOS BONS AMIGOS

03 OUT OCT (SEX FRI), 22h00 & 04

OUT OCT (SÁB SAT), 18h00

AUDITÓRIO

AUDITORIUM

Através de memórias pessoais, geracionais e da história recente do país, Rui Catalão incorre numa excursão imaginária a temas que nos são comuns, mas que nos habituámos a remeter para a privacidade: o pânico da morte, e como as inibições a que sujeitamos o nosso corpo geram a relação de medo que estabelecemos com o desconhecido.

Through a set of personal and generational memories linked to the recent history of the country, Rui Catalão embarks on an imaginary journey into themes that are common to us but that we have become used to relegating to the realm of privacy: the panic of death and how the inhibitions we subject our bodies to generate a relationship of fear with the unknown.

DANÇA
DANCE

TÂNIA CARVALHO

SÍNCOPA

05 OUT OCT (DOM SUN), 22h00

AUDITÓRIO

AUDITORIUM

Inspirada num texto de Valter Hugo Mãe, *Síncopa* é uma obra reflexiva sobre a existência humana e a sua condição. A peça assinala o retorno da coreógrafa e intérprete Tânia Carvalho ao formato solo.

Inspired by a text by Valter Hugo Mãe, *Síncopa* is a reflexive work on human existence and its condition. The play marks the return of choreographer and interpreter Tânia Carvalho to the solo format.

A exposição é comissariada por Catherine David, Diretora Adjunta do Musée national d'art moderne – Centre Georges Pompidou, Paris e organizada por Isabel Sousa Braga, curadora do Museu de Serralves

Registo: Daniela Oliveira, Inês Venade
Serviço Educativo: Líliliana Coutinho (coord.)
Serviço de Artes Performativas: Cristina Grande (coord.)

The exhibition is curated by Catherine David, Deputy Director of the Musée national d'art moderne – Centre Georges Pompidou, Paris, and organized by Isabel Sousa Braga, curator of the Serralves Museum

Registrars: Daniela Oliveira, Inês Venade
Education: Líliliana Coutinho (coord.)
Performing Arts Department: Cristina Grande (coord.)



Mecenas Exclusivo do Museu
Exclusive Corporate Sponsor
of the Museum



Seguradora Oficial: Fidelidade – Companhia de Seguros, S.A.

Apoio: Sugestões & Opções – Catering de Eventos

Fundação de Serralves / Rua D. João de Castro, 210, 4150-417 Porto / www.serralves.pt / serralves@serralves.pt / Information: 808 200 543
PARQUE Entrance by Largo D. João III (junto da Escola Francesa)